

DICIONÁRIOS LITERÁRIOS

CARLOS REIS
VIVINA FIGUEIREDO

Os dicionários literários constituem presentemente um domínio bibliográfico extremamente alargado e de incidência segura no ensino da literatura. Esse alargamento tem que ver com dois factores determinantes; em primeiro lugar, com o desenvolvimento da Teoria da Literatura como disciplina crucial dos estudos literários, permitindo a especialização da metalinguagem dos estudos literários, com consequências imediatas no plano das terminologias; em segundo lugar, com a diversificação dos estudos literários que não é incompatível com a especialização mencionada —, levando ao estabelecimento e à sistematização de campos conceptuais autónomos.

Problema certamente melindroso é justamente o da interacção desses diversos campos conceptuais. Os dicionários literários procuram, não raro, resolvê-lo, ainda que com a limitação própria do facto de ser frequentemente difícil — ou até desajustado, de um ponto de vista epistemológico — conseguir a harmonização e o efectivo diálogo entre paradigmas teóricos distintos entre si.

As questões assim rapidamente esboçadas remetem directamente para o âmbito específico da Didáctica da Literatura, no sentido em que ela se apoia, com frequência, na Teoria da Literatura. E sendo assim, a Didáctica da Literatura terá que recorrer a instrumentos de trabalho como os dicionários literários, sem esquecer que, sendo elencos terminológicos e conceptuais de certa forma estáticos, eles solicitam ao professor um comportamento dinâmico — que é quase sempre o do trabalho sobre o texto —, por forma a superar essa condição estática.

Os dicionários que a seguir se descrevem, seleccionados de entre um conjunto muito mais vasto, são aqueles que se entende poderem constituir importantes auxiliares didácticos, sobretudo em níveis de ensino da literatura relativamente avançados. Incluem-se aqui obras de natureza diversa, mas eventualmente complementares entre si: 1) dicionários de teoria e análise

Carlos Reis é Professor de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e responsável pela área de Língua e Cultura Portuguesa da Universidade Aberta, a cujo Conselho Científico pertence.

Vivina de Campos Figueiredo é Assistente na Universidade Aberta. No âmbito dessa função presta apoio às disciplinas de Teoria da Literatura e Didáctica do Inglês. Completou o curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos com uma dissertação sobre a obra poética de Robert Creeley.

literária (p. ex., o de Cuddon ou o de Fowler); 2) dicionários que visam questões genológicas (p. ex., o de Pavis); 3) dicionários de orientação histórico-literária e periodológica (o de Prado Coelho); 4) dicionários de natureza paraliterária (p. ex., o de Cirlot). Não foram contemplados dicionários de obras nem de autores.

AMON, Evelyne; BOMATI, Yves — *Vocabulaire du Commentaire de Texte*, Paris, Larousse, 1990, 207 pp.

Trata-se de um guia prático destinado a esclarecer, a quanto interesse a análise estilística, noções relacionadas com o estilo, i. e., a marca pessoal que um autor voluntária ou espontaneamente imprime aos seus textos. Apresenta, portanto, em quatrocentas palavras-chave, os principais meios de expressão usados em literatura, nomeadamente um conjunto de fórmulas herdadas da retórica grega e conhecidas por figuras de estilo, regras de versificação, vários tipos de estilo, níveis de linguagem, etc.

Cada entrada é constituída por três partes: uma definição que permite identificar o conceito, um exemplo que serve de ilustração e suporte da análise e um comentário que abre pistas para um estudo mais aprofundado. Para além disso, são feitas remissões para diversos outros conceitos no sentido de alargar o campo de reflexão.

Uma outra maneira de abordar este *Vocabulaire du Commentaire de Texte* consiste em consultar, logo no início, a «table d'orientation», uma organização sistemática dos conceitos que se encontram no volume.

Contém um índice de autores citados, mas não inclui bibliografias.

ANGENOT, Marc — *Glossário da Crítica Contemporânea*, Lisboa, Comunicação, 1984, 246 pp.

Este glossário prático, que faz o inventário de cerca de trezentos termos usados na crítica contemporânea, é dirigido a professores e estudantes e a quem quer que pretenda uma elucidação relativamente a conceitos que o recurso ao dicionário não ajuda a esclarecer.

As tendências da crítica contemporânea são tão variadas que plenamente se justifica um auxiliar de trabalho desta natureza, que sucintamente esclarece os termos mais correntes e mais centrais da crítica contemporânea, a rede de correlações que entretecem e que, além disso, refere a sua proveniência, em que outras acepções podem ser usadas, de que conjuntos metodológicos fazem parte, etc.

A integração de termos que apareceram noutras disciplinas (Sociologia, Antropologia, Filosofia, etc.) é importante porque eles se encontram frequentemente em textos de crítica literária. Este facto justifica-o a própria noção globalizante de Literatura segundo a qual, «o texto literário tende a ser integrado no 'discurso social' concebido na sua máxima extensão».

Numa área teórica como esta, sujeita a constante mutação, não é possível definir conceitos enquanto entidades estáveis. Sendo os próprios conceitos lugares de contradição e tensão, resolveu o autor assinalar, antes, o carácter dinâmico e migratório dos conjuntos nocionais das diversas teorias literárias.

A bibliografia das principais obras e revistas consultadas não pretende ser exaustiva; apresenta, outrossim, as mais conhecidas e as mais acessíveis.

AZIZA, Claude *et alii* — *Dictionnaire des Symboles et des Thèmes Littéraires*, Paris, Fernand Nathan, 1978, 204 pp.

Trata-se do segundo volume da colecção *Dictionnaires Littéraires Nathan* e é uma obra necessariamente complementar da primeira (cf. *infra*). Visa explorar, através de textos e de uma forma mais geral, todas as formas de expressão cultural, os temas e símbolos (arquétipos) que habitam a imaginação literária ou que a ficção mitológica popularizou.

O estudo do imaginário poético, através da análise das formas e das constantes da criação literária mostrou — afirmam os autores — que certos traços simbólicos dispersos em obras, autores e civilizações aparentemente muito diferentes, se organizam em torno de alguns temas-chave. Assim, insiste-se aqui no carácter de organização sistemática do discurso simbólico, constituindo as abundantes remissões,

que se encontram no corpo do volume, uma prova de que o imaginário poético se repete.

Inúmeras citações povoam este dicionário bem como indicações de obras de referência. No final do volume encontram-se um índice de obras citadas e uma bibliografia.

AZIZA, Claude *et alii* — *Dictionnaire des Types et Caractères Littéraires*, Paris, Fernand Nathan, 1978, 208 pp.

Este dicionário é o primeiro de uma série intitulada *Dictionnaires Littéraires Nathan* e é consagrado ao sistema de personagens e actantes do discurso narrativo.

Os autores partem de uma posição ideológica, claramente explicitada no prefácio, que passa por dois pressupostos fundamentais: a prevalência do imaginário, pelo que a obra literária é entendida como uma linguagem que articula um discurso sócio-cultural feito de signos e a força da estrutura como abordagem literária, pelo que a obra é entendida como uma totalidade, original e diferente, mas que permanentemente remete às constantes universais «qui travaillent entre eux et s'agencent dans une sorte de complétude à chaque fois différente».

O leitor tem duas vias de acesso a este dicionário: entrando pelo longo índice de obras citadas ou por ordem alfabética, onde encontrará um repertório de tipos e caracteres, explicados em pequenos ensaios que contemplam os vários aspectos das questões em foco. Para evitar repetições, são referidos no seu lugar alfabético os principais sinónimos com a indicação das entradas correspondentes. O mesmo acontece com os nomes próprios. O volume termina com uma bibliografia.

BECKSON, Karl; GANZ, Arthur — *Literary Terms. A Dictionary*, 3.^a ed. revista e aumentada, Londres, Andre Deutsch, 1990, 308 pp.

Esta é a 3.^a edição, revista e aumentada, de uma obra [*A Reader's Guide to Literary Terms*] editada anteriormente em 1960 e em 1975.

Dada a evolução que a crítica literária conheceu desde a segunda edição e o conseqüente aparecimento de nova terminologia, sentiram os autores a necessidade de actualizar esta obra e fizeram-no em três

sentidos importantes: acrescentando novos termos que se impõem como inevitáveis (por ex., *desconstrução*, *formalismo russo*, *crítica feminista*, etc.), revendo outros termos cuja discussão também tem sido alvo de desenvolvimento nos últimos anos e actualizando as referências bibliográficas.

Trata-se de um dicionário que tanto serve o especialista como o estudante de literatura ou o leitor comum uma vez que apesar de abranger um vasto grupo de entradas, fá-lo de forma sucinta e numa linguagem clara.

As descrições são, portanto, geralmente breves e apresentam, para além das indispensáveis remissões, uma pequena informação bibliográfica. O volume termina com uma lista de entradas, ordenada por temas.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain — *Dictionnaire des Symboles*, edição revista e aumentada, Paris, Robert Laffont, 1984, 842 pp.

Abre este dicionário uma «Introdução» onde um dos autores, J. Chevalier, apresenta a obra e as suas motivações, nomeadamente a crescente reabilitação que o símbolo tem conhecido enquanto elemento central da imaginação e da vida humana.

Como defendem os autores, este livro não constitui uma recolha de definições pela razão óbvia de que os símbolos escapam a definições precisas. Trata-se, antes, de um inventário, sempre inacabado, do imaginário simbólico, onde, em mais de 1200 entradas, se apresentam as interpretações fundamentais, as mais garantidas e as mais sugestivas; em suma: as interpretações que melhor incentivem o leitor a pressentir novos sentidos, a encontrar novas direcções — sugeridas, nunca impostas — «dans les détours ténébreux du labyrinthe».

Este objectivo é conseguido através de constantes remissões e indicações de obras básicas que aparecem disseminadas ao longo do livro (na forma de siglas) e reunidas e descodificadas na bibliografia que se encontra no final do volume. Não inclui índices.

CIRLOT, Juan-Eduardo — *Diccionario de Símbolos*, 7.ª ed., Barcelona, Labor, 1988, 475 pp.

Consultando obras ocultistas, tratados de antropologia e de psicologia; apoiado em fontes como a metafísica, a história das religiões, o esoterismo, a emblemática e a psicanálise, J. E. Cirlot avançou até ao «labirinto luminoso dos símbolos», buscando não tanto a sua interpretação como a sua compreensão e a observação da sua vida própria através de tempos e ângulos culturais diversos.

Com o objectivo de abarcar o maior número possível de materiais, o autor comparou os símbolos da Índia, do Extremo Oriente, da Caldéia, do Egipto, de Israel e da Grécia com os do Ocidente posterior a Roma, consultou e comparou imagens, mitos essenciais, alegorias, personificações e emblemas por forma a averiguar se alguma ordem de significação se repetia. Quando essa repetição se produz, então, diz o autor, é possível falar de uma «verdade objectiva e universal simbólica»; de um valor essencial e contínuo em todos os domínios da vida do espírito e é possível afirmar que todos os mitos estão escritos numa mesma linguagem: a linguagem simbólica, que obedece a categorias que não são o espaço e o tempo, mas a intensidade e a associação.

Presidiu à elaboração desta obra a crença de que só é importante o saber que influi directamente na vida. Assim, esta compilação comparada de temas simbólicos está pronta a ser utilizada na inteligência de sonhos, poemas, obras de arte, enfim, onde quer que exista material procedente de mitos, símbolos e lendas. A sua utilidade consiste em corroborar a unidade dos símbolos que surgem em diversas manifestações do pessoal e do colectivo e em ajudar a decifrar alguns mistérios. O volume termina com uma bibliografia essencial.

COELHO J. do Prado (ed.) — *Dicionário de Literatura. Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária*, 3.ª ed., Porto, Liv. Figueirinhas, 1982, 5 vols., 1526 pp.

O *Dicionário de Literatura* de Jacinto do Prado Coelho constitui um instrumento de trabalho que pode considerar-se já clássico, no ensino e no estudo das literaturas contempladas e, mais escassamente, no de questões de estilística (retórica, métrica, etc.). Trata-se de uma obra organizada em função de diversos critérios de «entrada», que procu-

ram articular-se entre si: escritores (integração histórico-literária, dominantes temáticas, inserção periodológica), períodos e subperíodos literários (constituição, evolução), gêneros literários, obras e personagens destacadas, tematologia, geografia literária, questões genericamente culturais, com incidência literária, etc., etc.

Contando com a colaboração de estudiosos portugueses, brasileiros e galegos de reconhecido prestígio e competência, o *Dicionário de Literatura* é normalmente redigido numa linguagem acessível, de seguro efeito pedagógico.

Bibliografias sucintas completam os diversos artigos, bibliografias essas entretanto muito desactualizadas, com o decorrer do tempo. Convém notar que a presente edição do *Dicionário de Literatura* retoma o texto da edição de 1973; uma reedição muito desenvolvida (designadamente quanto a escritores contemporâneos e a questões de teoria literária), que estava em preparação, não chegou a ser publicada.

CUDDON, J. A. — *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*, 3.^a ed., Oxford, Blackwell, 1991, 1051 pp.

Nos catorze anos que passaram desde a primeira edição deste dicionário, muitos movimentos se consolidaram, muitas teorias se desenvolveram, muitos conceitos se fixaram e, conseqüentemente, muitos termos técnicos apareceram.

Assim, nesta 3.^a edição, ao vastíssimo número de termos literários que se usam correntemente hoje em dia, o autor acrescenta os que foram cunhados pelo desenvolvimento da ciência literária nas últimas duas décadas. Para além disso, esta obra abrange conceitos, gêneros, movimentos, escolas, -ismos, motivos, temas, modos, estilos e expressões que alguns autores celebrizaram e que passaram a integrar a terminologia crítica. Incluem-se também termos que, apesar de pertencerem a outras áreas, relacionam-se com a literatura, ainda que, por vezes, de uma forma muito ténue.

J. A. Cuddon aproveitou esta 3.^a edição para desenvolver alguns conceitos e gêneros mais 'populares' (por ex., *romance gótico*), incluir novas entradas (por ex., *prêmios literários*), fornecer informação sobre teatro e companhias de teatro influentes, incluir neologismos, alguns

de sua própria fabricação (por ex., *birocrat*, *verbocrap*) e contemplar, como ele próprio reconhece no prefácio, assuntos que lhe são particularmente caros.

Todas as entradas oferecem uma breve descrição ou definição e, por vezes, dadas as variadíssimas origens dos termos, também aqui se encontram breves etimologias. Para as formas e géneros literários, o autor faz uma síntese das suas origens, história e desenvolvimento e apresenta exemplos.

Por razões de espaço, este dicionário não contém bibliografias, mas a propósito de um tema ou assunto, o autor refere obras clássicas ou obras de projecção universal.

FOWLER, Roger (ed.) — *A Dictionary of Modern Critical Terms*, London/Boston, Routledge/Kegan Paul, 1973, 208 pp.

Trata-se de uma obra algo diferente daquilo que se entende normalmente por «dicionário», na medida em que não se encontram nela definições breves e acabadas de termos críticos. Pelo contrário: o seu principal objectivo é servir de complemento aos dicionários dessa natureza, estimulando a curiosidade do leitor sobre o funcionamento activo da terminologia crítica em áreas onde certos conceitos não se encontram ainda definitivamente fixados. Assim, cada entrada (e contam-se cerca de 160) é seguida por um ensaio relativamente elaborado, onde os leitores são remetidos para outros conceitos e, sempre que necessário, para outras leituras adicionais. Por essa razão, é uma obra que se presta tanto a ser lida de forma contínua como a ser pontualmente consultada.

Não visando fazer uma cobertura exhaustiva da terminologia crítica, é bastante representativa, já que os seus colaboradores, mormente de origem académica anglo-saxónica, abrangem um vasto e heterogéneo grupo de críticos e professores de várias gerações, que oferecem consequentemente uma grande variedade de pontos de vista. Não inclui índices.

FRENZEL, Elisabeth — *Diccionario de Argumentos de la Literatura Universal*, Madrid, Gredos, 1976, 496 pp.

Esta obra (tradução espanhola do original alemão de 1970), que a autora classifica como um «ensayo» de um dicionário de argumentos da literatura universal, contém cerca de trezentos artigos e em quase todos se apresentam as fontes, os conteúdos e a evolução dos temas, por esta ordem.

Baseia-se este dicionário no conceito alemão de «argumento» que coincide com o que a pesquisa francesa designa por *thème*» e a inglesa por «*theme*», designações estas que abarcam as unidades de tema, argumento e motivo com muito menor precisão. Assim, um argumento é, na definição da autora, «una como fábula tejida por los componentes de la acción y prefijada ya fuera de la literatura, una 'trama' que llega al escritor en forma de experiencia, visión, informe, acontecimiento o tradición a través del mito y de la religión, o como acontecimiento histórico, ofreciéndole um estímulo para su adaptación literaria».

A autora debruça-se fundamentalmente sobre a estrutura e evolução internas dos argumentos e a forma como se tem processado, ao longo dos tempos, a coordenação do seu equilíbrio interno com o crescimento e as mutações provocadas pela emergência de elementos inovadores.

As referências bibliográficas são indicadas no final das entradas. Não contém índices.

FRENZEL, Elisabeth — *Diccionario de Motivos de la Literatura Universal*, Madrid, Gredos, 1980, 411 pp.

Trata-se da tradução para espanhol de uma obra alemã (1976), onde a autora recolhe cinquenta e quatro motivos, que têm sido alvo de adaptações literárias, apresentando a história possível dos mesmos, as várias direcções que têm tomado e as diversas variantes que têm formado.

A análise dos motivos é feita em cortes longitudinais (em número que não se pretende completo, apenas representativo) que têm por objectivo não tanto a exploração das fontes como demonstrar o efeito e

funcionamento dos motivos. Assim, a principal preocupação da autora consistiu em pôr em relevo, mediante a distribuição histórica dos casos, o grau de frequência com que emergem determinados motivos, a sua acumulação em determinados momentos constituindo-se em componentes de moda e o carácter de alguns que, em consonância, com fenómenos próximos temáticos e formais, dá uma visão da cultura de uma época. Faz-se notar também o poder de transmutação que detêm, relativamente aos motivos, novas condições culturais e sociais e ainda a capacidade que os motivos têm de transpor fronteiras linguísticas.

Num esforço de abarcar o mais possível, a autora recolheu os mais importantes testemunhos das mais importantes literaturas do Ocidente e Próximo Oriente, reservando, evidentemente, o primeiro plano para a literatura alemã.

As indicações bibliográficas são apresentadas no final de cada artigo. Não contém índices.

JARA, René *et alii* — *Diccionario de Términos e «Ismos» Literarios*, Madrid, Ediciones Jose Porrúa Turanzas, 1977, 192 pp.

Na primeira parte — a mais longa — desta obra encontra-se um repertório de breves definições de termos e expressões de crítica literária, a maior parte dos quais provenientes da Retórica, que constituem os instrumentos básicos necessários a quem se interesse por compreender a organização interna de toda a obra literária.

Peca naturalmente por omissão dos termos e expressões cunhados nos quinze anos que separâm a sua elaboração do momento presente, o que se torna significativo numa área como a crítica literária que se encontra em permanente evolução e é por natureza dinâmica e imprevisível.

Na segunda parte, a cargo de José Ortega, encontram-se dez pequenos ensaios sobre os principais «ismos» literários, onde o autor descreve as suas principais características, incidindo fundamentalmente sobre a importância que exerceram e continuam a exercer no âmbito da literatura espanhola.

O volume termina com duas bibliografias, uma geral e outra sobre «ismos» literários. Não contém índices.

LAFFONT-BOMPIANI — *Dictionnaire des Personnages de tous les Temps et de tous les Pays*, Paris, Robert Laffont, 1960, 1040 pp.

Apresentar num só volume todas as personagens criadas pelas literaturas de todos os tempos e de todos os países implica, evidentemente, uma grande selecção. O critério que preside a esta selecção constitui a resposta à questão que os autores a si próprios colocaram: quais os heróis com que qualquer leitor depara pelo menos uma vez na vida ou que desejaria conhecer?

Mais do que um inventário exaustivo de personagens, este dicionário consagra longos artigos «aux héros qui vivent de leur vie propre, à ceux qui nous hantent encore quand nous avons refermé le livre ou quitté le théâtre». Nesses estudos analisam-se as numerosas metamorfoses que sofreram certas personagens pela pena de diversos escritores na tentativa de, através de cada etapa, compreender o que provocou essa evolução.

Há ainda lugar para referir as personagens que beneficiaram de uma passagem para os palcos, tendo os autores incluído, após a análise literária, notas históricas sobre as grandes interpretações dos principais papéis. O mesmo se passa em relação às principais encarnações musicais e cinematográficas das personagens.

Tratando-se de um dicionário de personagens literárias, das personagens históricas, mitológicas e lendárias apenas são recensadas aquelas que aparecem em obras literárias.

O volume termina com uma lista dos seus principais colaboradores. Não contém bibliografias nem índices.

MARCHESE, Angelo; FORRADELLAS, Joaquín — *Diccionario de Retórica, Crítica y Terminología Literaria*, Barcelona, Ariel, 1986, 446 pp.

Trata-se da versão espanhola da obra original italiana de Angelo Marchese — *Dizionario di retorica e di stilistica* (1978) — adaptada por Joaquín Forradelas.

Na elaboração deste dicionário os autores preocuparam-se em re-ver os tradicionais estudos de retórica, métrica e estilística à luz das novas orientações trazidas pela teoria da literatura, pela linguística, pela

semiologia, pela hermenêutica e pela pragmática. Estas e outras disciplinas são rigorosamente sistematizadas e articuladas nesta obra, onde se dá mais amplitude às chamadas «vozes de suporte», i. e., aos conceitos que detêm a tarefa de apresentar as questões essenciais e recorrentes nas outras «vozes» do dicionário.

A tarefa de adaptação, por parte de J. Forradelas, consistiu fundamentalmente em encontrar exemplos de autores hispânicos que substituíssem os italianos; retocar ligeiramente alguns artigos relativos à linguística, semiologia e narratologia, acrescentando algumas precisões a partir de ensaios posteriores à edição italiana ou de estudos hispânicos e portugueses que Marchese não refere na bibliografia; acrescentar conceitos provenientes de escolas que Marchese omite.

O volume termina com uma extensa bibliografia. Não contém índices.

MOISÉS. Massaud — *Dicionário de Termos Literários*, São Paulo, Cultrix, 1974. 520 pp.

Em mais de setecentos verbetes que de acordo com a complexidade do assunto podem ir de algumas linhas de informação sintética ao pequeno ensaio de várias páginas, este *Dicionário de Termos Literários* contempla uma grande variedade de áreas do saber humanístico.

Encontram-se aqui recenseados géneros e formas literárias, conceitos de teoria da literatura e de crítica literária, termos de retórica e poética, movimentos literários, artísticos e filosóficos e ainda vocábulos que a linguagem literária toma de empréstimo a outras ciências como a Historiografia, a Psicologia, etc.

Os conceitos são ilustrados, na sua maior parte, com exemplos das literaturas portuguesa e brasileira, mas o autor também considera, sempre que oportuno, as obras e autores da literatura mundial.

Cada entrada fornece a etimologia do vocábulo por forma a oferecer uma ideia do seu sentido primitivo. As denominações estrangeiras mantêm-se sempre que a universalidade do seu uso o justifica.

Esta obra não tem bibliografias nem índices. As obras que de uma forma ou de outra concorreram para o esclarecimento de certas noções encontram-se referidas no corpo das entradas.

MORIER, Henri — *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*, 3.^a ed., Paris, P.U.F., 1981, 1263 pp.

Obra de grande rigor e minúcia de informação, incidindo fundamentalmente sobre questões técnico-estilísticas em grande parte ligadas à linguagem poética e ao seu estudo sistemático. Encontram-se, deste modo, representadas, além das figuras de retórica (das mais usuais às mais inusitadas), matérias do campo da versificação, da prosódia, da problemática da representação (*alegoria, imagem, símbolo*, etc.), das formas líricas, etc.

Os artigos são acompanhados normalmente por exemplificação abundante, com inúmeras referências de carácter histórico-literário e muitas vezes com tratamento diversificado (por ex., um mesmo assunto abordado no âmbito da gramática e no da retórica).

Fornecem-se indicações relativas aos sinónimos, antónimos e etimologia de cada termo.

Esta 3.^a edição distingue-se da anterior pelo acréscimo de doze artigos inéditos, sendo os mais importantes os consagrados a *prosodema* e a *variatio*.

O volume encerra com bibliografias, tábuas de referência e de signos (sendo especialmente importantes as que dizem respeito à transcrição fonética e à escansão).

MORNER, Kathleen; RAUSCH, Ralph — *Dictionary of Literary Terms*, Lincolnwood, National Textbook Company, 1991, 239 pp.

Concebido com o duplo objectivo de satisfazer a curiosidade imediata sobre o sentido de certos termos críticos e literários e de estimular o interesse pelas obras literárias a que esses termos se aplicam, este dicionário faz um levantamento relativamente alargado de géneros, estilos, movimentos e períodos literários bem como de termos técnicos e teorias críticas.

Subjaz à sua elaboração a preocupação de incidir sobre o vocabulário crítico e literário básico que os estudantes de literatura encontram nos textos usados nas escolas secundárias e nas Faculdades. Também por isso a linguagem que utiliza é simples e clara e certos conceitos aparecem exemplificados com citações ou referências a obras conhecidas da literatura mundial.

As entradas são seguidas por textos de dimensões directamente proporcionais à complexidade dos conceitos. Visando uma melhor compreensão de certos termos e suas inter-relações, os leitores são constantemente remetidos para outras entradas. Quando um termo detém vários sentidos, todos são apresentados em definições numeradas e quando um conceito sofreu evolução semântica ao longo do tempo, ela é devidamente explanada. Não contém bibliografias nem índices.

PAVIS, Patrice — *Diccionario del Teatro: Dramaturgia, Estética, Semiología*, Barcelona/Buenos Aires/México, Ediciones Paidós, 1983, 605 pp.

Esta é a tradução espanhola da obra *Dictionnaire du Théâtre* de Patrice Pavis, editada pela primeira vez em França, em 1980 e que o autor aproveitou para completar, acrescentando ou precisando termos e actualizando a bibliografia.

Projecto enciclopédico concebido para abarcar globalmente o sistema da crítica teatral, este dicionário é, sobretudo, uma profunda reflexão e uma acurada teorização de quatro áreas fundamentais onde o autor se concentrou na sua procura terminológica: a tragédia grega, o teatro clássico europeu dos séculos XVII e XVIII, o teatro realista e naturalista do século XIX e as práticas teatrais contemporâneas.

Porque o terreno que pisa é vago e movediço, o autor optou por agrupar as definições em campos conceptuais. Assim, a definição global de onde partem as palavras-chave tem como objectivo oferecer ao leitor uma primeira orientação. Não é uma definição absoluta e a parte metodológica que a acompanha esforça-se por ampliar o debate e situá-lo no âmbito da discussão teórica e estética.

Excluem-se, todavia, as formas não europeias de dramaturgia e para preservar o carácter teórico da obra, o autor não oferece descrições exaustivas de fenómenos ou movimentos históricos nem se detém em nomes próprios de pessoas do teatro.

Este *Diccionario* oferece uma visão da evolução teatral e propõe uma interpretação estrutural do funcionamento interno do texto e da representação, evidenciando o cuidado, por parte do autor, de evitar o uso de uma metalinguagem complexa e pouco clara que requeresse ela própria o recurso a outro dicionário.

A cada artigo segue-se uma bibliografia que se encontra reagrupada no final do volume. Terminam o volume um índice sistemático que agrupa os conceitos em grandes áreas temáticas e um léxico nas línguas espanhola, francesa, inglesa e alemã.

PRINCE, Gerald — *A Dictionary of Narratology*, Lincoln & London, University of Nebraska Press, 1989, 118 pp.

Pedra de toque de muitas disciplinas (História, Literatura, Cinema, etc.), a narrativa tem uma linguagem própria que a narratologia descreve e analisa. A partir, sobretudo, dos anos 60 multiplicaram-se os estudos sobre a arte da narrativa e conseqüentemente avolumou-se a Babel de contradições e sinónimos nessa área. Dos recentes esforços para subtrair a narratologia ao caos terminológico, através da sistematização conceptual, conta-se este Dicionário de Narratologia, que afigura-se do especial mérito de ser o primeiro no seu género.

Gerald Prince contempla aqui três tipos de termos: os que são específicos da narratologia (por ex., *extradieético*), os que detêm um sentido narratológico diferente do sentido corrente (por ex., *voz*) e os termos cujo sentido comum ou técnico pertence a um domínio semântico essencial à descrição narratológica (por ex., *código*). De fora ficaram termos que embora pertinentes para a análise narrativa, cabem melhor, na opinião do autor, em dicionários de linguística ou retórica.

Tendo a preocupação de abranger conceitos oriundos de todos os movimentos importantes, Gerald Prince admite, no entanto, ter privilegiado o trabalho dos narratologistas franceses dos últimos vinte anos. Com base no princípio de que um dicionário só pode ser um ponto de partida, os conceitos são, na maioria dos casos, sucintamente definidos e numa linguagem o menos técnica possível.

Não se encontram aqui muitos exemplos; em contrapartida, abundam as remissões para outras entradas e no fim de cada definição o leitor encontra uma pequena lista bibliográfica particularmente relevante para o conceito em questão. Estas referências encontram-se reunidas no final do volume numa bibliografia geral. Não inclui índices.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. — *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina, 1987, 433 pp.

Da multiplicidade de estudos sobre a narrativa verbal (literária e não-literária) e da respectiva diversidade de posicionamentos teóricos, epistemológicos e ideológicos decorrem dificuldades de sistematização nocional e de prática crítica que este *Dicionário de Narratologia* tenta resolver.

Não quer isto dizer que os autores tentem aqui a conciliação forçada de conceitos ou estratégias metodológicas oriundas de áreas teóricas diversas ou que adoptem quaisquer atitudes selectivas, no sentido de optarem por um paradigma teórico-metodológico em detrimento de outros.

O que este dicionário pretende é oferecer aos seus leitores uma clarificação de termos e conceitos de complexidade variável. Assim, encontramos aqui conceitos que já consentem uma definição precisa e exhaustiva (por ex., *paralepse*), conceitos que ainda se encontram em progresso (por ex., *signo*), conceitos que pela sua amplitude permitem uma abertura de pistas para futura indagação (por ex., *personagem*) e conceitos que transcendem o espaço próprio da teoria semiótica da narrativa (por ex., *código*). A inclusão de termos exteriores ao âmbito dos estudos literários (por ex., *banda desenhada*) impõe-se pelo próprio estatuto da narratologia.

Cada entrada é seguida por um artigo relativamente alongado onde se encontram abundantes remissões e exemplos (na sua maior parte, retirados de obras literárias portuguesas) e que culmina numa bibliografia teórica sucinta. A lista bibliográfica geral (obras literárias e teóricas) encontra-se no final do volume, seguida de um índice de termos.

SAINZ DE ROBLES, F. C. — *Diccionario de la Literatura*, 4.^a ed., Madrid, Aguilar, 1982, 2 vols., 1218 pp.

Elaborado com a convicção de que um dicionário de literatura «será constantemente un esfuerzo en tensión, en continuidad, en superación», este *Diccionario de la Literatura* é bastante compreensivo e ultrapassa em larga medida o âmbito da literatura, ao contrário do que o título e o subtítulo (*Terminos, conceptos, «ismos» literários*) possam sugerir.

Nele se encontram, evidentemente, conceitos e termos literários, gêneros e subgêneros, tendências, teorias e movimentos literários, figuras de estilo, de pensamento e de dicção, noções de métrica, etc. Contudo, uma grande parte do espaço da obra é preenchida com ensaios consideravelmente alongados sobre questões de Política (por ex., *comunismo*), de Filosofia (por ex., *cartesianismo*), de História (por ex., *absolutismo*), de Religião (por ex., *cristianismo*), de Teologia (por ex., *congruismo*), de Ética (por ex., *deontologismo*), etc.

Para além disso, este dicionário dá-nos conta, em breves descrições, da história de várias línguas mortas (por ex., *asteca*, *yénissei*), de muitos idiomas pouco conhecidos (por ex., *mandinga*, *beluchi*, *afegane*) e respectivos dialectos.

Para todas as línguas de projecção internacional existem entradas que apresentam as suas histórias e principais características, bem como uma síntese da história das respectivas literaturas, em estudos bem fundamentados e profusamente ilustrados com exemplos das obras e escritores mais representativos de cada período.

Quanto à dimensão do corpo das entradas deve dizer-se que ela varia de acordo com a pertinência e/ou complexidade dos assuntos, pelo que é possível encontrar entradas com duas linhas e entradas com várias dezenas de páginas. Quase todas incluem uma pequena bibliografia.

TIEGHEM, Philippe Van (org.) — *Dictionnaire des Littératures*, Paris, P.U.F., 1968, 4349 pp.

«Nous avons voulu ouvrir largement les fenêtres sur l'immense horizon de la littérature universelle» — diz Ph. V. Tieghem na Introdução a este dicionário. Em consequência dessa intenção, o *Dictionnaire des Littératures* contempla escritores, obras anónimas, literaturas particulares (do Japão e da Indonésia, por ex.), o estado da literatura contemporânea de diversos países (Hungria, África do Sul, Checoslováquia, por ex.), noções e termos relacionados com a literatura e a sua história e, ainda que com maior brevidade, a versificação e a retórica.

A maior parte dos artigos diz respeito aos escritores (mais de vinte mil), incluindo as orientações literárias, as características das suas

obras, influências, sendo a parte biográfica reduzida apenas aos factos que agiram directamente na obra.

O organizador apostou em diferenciar esta obra de outras congéneres pelo facto de aí tratar largamente escritores sobre os quais o leitor tem dificuldade em se documentar, restringindo ao mínimo essencial o espaço dos autores mais conhecidos. No mesmo sentido, privilegiam-se os autores modernos e contemporâneos e excluem-se quase todos os grandes escritores cujo pensamento não se dirija de uma forma ou de outra ao «objecto literário».

A um grande número de escritores acresce uma lista dos filmes feitos a partir das suas obras e outras informações sobre esses mesmos filmes.

Os artigos são acompanhados de uma bibliografia e no final do volume encontra-se uma bibliografia geral classificada por literaturas bem como um extenso índice, onde se registam nomes que, não usufruindo de um lugar alfabético, são estudados noutros artigos.

WALENS, Katie — *A Dictionary of Stylistics*, London/New York, Longman, 1989, 504. pp.

Destina-se este dicionário particularmente a alunos de cursos introdutórios à estilística e a estudantes e a professores activamente interessados na análise do discurso escrito e oral. Mais do que um dicionário, é também um guia, pois que para além de fornecer o sentido dos termos, traça uma visão geral da natureza e objectivos da estilística, os seus métodos de abordagem, origens históricas e potenciais desenvolvimentos.

A proliferação de termos que acompanhou o desenvolvimento da estilística e de outras disciplinas relevantes para a análise textual, nas últimas três décadas, plenamente justifica uma obra desta natureza que, em mais de 600 entradas, esclarece o leitor sobre a terminologia usada na estilística bem como em disciplinas afins como sejam a sociolinguística do texto, a teoria da comunicação, a teoria literária, a crítica literária, a semiótica, a gramática, a poética, a retórica, etc.

Por forma a evidenciar a originalidade das suas ideias, os teóricos tendem geralmente a cunhar novos termos ou a ampliar os sentidos de termos já existentes. É frequente o aparecimento de velhos termos com

nova significação e a renomeação de conceitos que já tinham designação. Daqui decorrem, inevitavelmente, problemas de sinonímia e de polissemia (cf. por ex., *história*, *discurso*, *fábula*, *sjuzet*), problemas que a crescente competitividade entre a Europa e os EUA na área dos estudos estilísticos não ajuda a resolver.

Assim, é principal objectivo deste dicionário desmistificar e resolver confusões, revelando coincidências entre terminologias alternativas e cuidadosamente distinguir os sentidos dos vários termos, usando frequentes citações, destinadas a mostrar a estilística em acção. Oferece-se ainda uma extensa bibliografia.